

A EQUOTERAPIA COMO PRÁTICA TERAPÊUTICA PARA CRIANÇAS COM PARALISIA CEREBRAL

Leonardo Gomes Silva¹
Laura Freire de Andrade²

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo caracterizar a equoterapia como fonte inovadora no desenvolvimento de crianças com paralisia cerebral. Esta pesquisa foi executada por meio do método bibliográfico com base em acervos de sites acadêmicos como o periódico científico *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), Lilacs, Biblioteca virtual em Saúde (BVS). Entendemos que o trabalho incessante pode apresentar uma imagem positiva para as crianças com paralisia cerebral, assim como novas perspectivas terapêuticas e substituir os temores e preconceitos da falta de expectativas de melhora para gradativas respostas e desenvolvimento em diversos aspectos da vida destas crianças. Desta maneira, a atuação profissional do psicólogo na equipe multidisciplinar fornece um ambiente propício à promoção de saúde aos praticantes de equoterapia.

PALAVRAS-CHAVE: Equoterapia; Paralisia cerebral; Psicologia.

INTRODUÇÃO

A equoterapia é uma ferramenta que entre as muitas formas de utilização e aplicação desta, pode propiciar o desenvolvimento da criança com paralisia cerebral. Podendo ser definida a equoterapia como “[...] um conjunto de técnicas reeducativas que atuam para superar danos sensoriais, cognitivos e comportamentais e que desenvolvem atividades lúdicas utilizando o cavalo” (CITTÉRIO, 1999, p. 35). Segundo a ANDE-BRASIL (2010), a equoterapia é um método terapêutico e educacional que utiliza o cavalo em atividades equestres e técnicas de equitação, com aplicação de conhecimento técnico científico no campo da terapia, objetivando benefícios físicos e psicológicos no tratamento de pessoas com deficiências causadas por lesão neuromotora; deficiências sensoriais; distúrbios evolutivos e comportamentais; patologias ortopédicas entre outros.

De acordo com Hoffmann, Anderson e Fischer (2003), a Paralisia Cerebral é um distúrbio

¹ Graduando de Psicologia da Faculdade Ciências da Vida, Sete Lagoas-MG; email: leonardo.montich@yahoo.com.br

² Mestre em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais; Docente da Faculdade Ciências da Vida, Sete Lagoas-MG; e-mail: laurafreire.8@hotmail.com

sensorial e senso- motor causado por uma lesão cerebral, a qual perturba o desenvolvimento normal do cérebro. O distúrbio do cérebro é estacionário, mas o comprometimento dos movimentos é progressivo quando não se faz tratamento. Por isso, é muito importante iniciar o tratamento, a qual objetiva corrigir os movimentos executados erroneamente e, assim, obter movimentos mais precisos e corretos.

Tabaquim (1996) aborda as ideias sobre o envolvimento neuromuscular da paralisia cerebral e apresenta sete categorias neurológicas a ele relacionadas. Dentre essas categorias estão a espasticidade, que se constitui no quadro leve, correspondendo a até 70% dos casos. A atetose é o comprometimento do sistema extra-piramidal, sendo esse um sistema formado pelo restante do tronco cerebral descendente e as vias espinhais que não passam pelas pirâmides e estão relacionadas com controle postura. Ataxia é o comprometimento do cérebro e das vias cerebelares, manifesta-se por uma falta de equilíbrio e falta de coordenação motora em atividades musculares voluntárias.

Nestes termos, pode-se pensar que a criança com paralisia cerebral necessita de recursos e técnicas que possam melhorar suas dificuldades de equilíbrio e coordenação motora. O processo de aprendizagem em crianças com paralisia cerebral exige uma relação delas com o mundo para que possibilite transformar sua realidade física e psíquica.

O profissional em psicologia atua desempenhando nesta modalidade terapêutica, uma função de acompanhar a progressão terapêutica, tanto na função de mediador quanto colaborando com o planejamento terapêutico, integrando e interagindo ativamente nos procedimentos, facilitando as ações desde a chegada do praticante até sua separação do cavalo. Segundo Mandler (2012), a equoterapia pode ser utilizada para tratar os mais diversos tipos de comprometimentos, patologias ortopédicas, neuromusculares (neuropatias), cardiovasculares e respiratórias, dentre outras patologias de distúrbio.

METODOLOGIA

Esta pesquisa foi executada por meio do método bibliográfico com base em acervos de sites acadêmicos como o periódico científico *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), Lilacs, Biblioteca virtual em Saúde (BVS). O caminho da pesquisa teve como intuito a busca de definições objetivas e bem elaboradas de autores renomados em suas respectivas áreas. Neste sentido, a escolha da revisão bibliográfica se dá pela baixa publicação do tema com práticas de equoterapia e sua relação com a ciência psicológica, assim como, por se tratar de uma tentativa de reflexão e convocação dos profissionais psi sobre este método como possível utilização em diversos contextos ainda pouco explorada.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A função do psicólogo é orientar e acompanhar os praticantes da equoterapia durante as sessões e através do uso do cavalo, propor jogos, brincadeiras, diálogos e dinâmicas, auxiliando na elaboração de determinados aspectos emocionais, conflitos e situações; o trabalho está voltado a estimular o desenvolvimento da auto-confiança, atitude de independência auto-controle e positivismo do praticante diante da família e da sociedade. As atribuições do psicólogo são: elaborar anamnese com a família, analisar e avaliar a situação do praticante antes do início da terapia para melhor adaptação com o cavalo, acompanhar o praticante durante o processo de aproximação com o animal, auxiliá-lo no processo de ensino-aprendizagem, fortalecer o inter-relacionamento da equipe interdisciplinar e demais profissionais envolvidos, priorizar o atendimento quanto ao aspecto emocional, resgate, melhora de autoestima, autoconfiança, incentivo para um melhor resultado no tratamento (ANDE – BRASIL, 2010).

CONCLUSÃO

Conclui-se que todas as argumentações sobre paralisia cerebral infantil, proporcionarão importantes reflexões sobre esse recurso terapêutico, além da identificação dessa especificidade no atendimento a crianças com a citada limitação funcional. Além disso, esta inclusão da criança que tem a ajuda adequada, inovadora, pode crescer em habilidades e fazer as suas contribuições para família e a comunidade. Entendemos que o trabalho incessante pode apresentar uma imagem positiva para as crianças especiais, assim como novas perspectivas terapêuticas e substituir os temores e preconceitos da falta de expectativas de melhora para gradativas respostas e desenvolvimento em diversos aspectos da vida destas crianças.

Em diversos casos e relatos observa-se uma melhora da autoestima e auto-confiança, sensações de bem estar, aquisição de autonomia, estimulação de linguagem e desenvolvimento psicomotor. Por intermédio das atividades na criança é desenvolvida a psicomotricidade que propicia a interação da criança com o mundo e sua interpretação. As indicações psicológicas para a prática da equoterapia são amplas, destacando-se as síndromes, sequelas de traumas, atrasos do desenvolvimento que envolve distúrbios. Ainda recomendam-se a equoterapia para atraso na fala, disfunções sensoriais e psicomotoras, dificuldades na aprendizagem. Em alguns casos como medos e fobias ou distúrbios do comportamento severos é contraindicada. A essência da prática da equoterapia faz uma abordagem centrada no praticante.

REFERÊNCIAS

ANDE-BRASIL. Associação Brasileira de Equoterapia. Brasília- DF. 2010. Obtido em 11 de

setembro de 2016, de <http://www.equoterapia.org.br/site/>

CITTÉRIO, D. Os exercícios de neuromotricidade no quadro das hipóteses de reabilitação neuroevolucionística. In: Coletânea de Trabalhos, 1º Congresso Brasileiro de Equoterapia (p.35-42). Brasília, DF: ANDE/BRASIL,1999.

HOFFMANN, R; TAFNER, M. FISCHER, J. Paralisia cerebral e aprendizagem: um estudo de caso inserido no ensino regular. Curso de especialização em Psicopedagogia. Revista Leonardo Pós. Órgão de Divulgação Científica e Cultural do ICPG. Vol. 1 n.2 - jan.-jun/2003.

MANDLER, Luciana. Diário Regional, 2012. Disponível em <http://www.diarioregionalrs.com.br>. Acesso em 11/09/2016.

TABAQUIM, Maria de Lourdes Merighi. Paralisia cerebral: ensino de leitura e escrita. Cadernos de Divulgação Cultural. Bauru: Edusc, 1996.